

PROMESSA AMERICANA: UTOPIA E CONFLITO NA AMÉRICA DE JOSÉ MARTÍ

Fabio Muruci dos Santos

Na trajetória da recepção crítica de José Martí, um dos eixos fundamentais da discussão sempre foi, inevitavelmente, sua posição diante dos Estados Unidos. Em uma primeira reconstituição dessa trajetória de leituras, John Kirk argumentou que a Revolução Cubana teria atuado como um divisor de águas. Uma primeira etapa estaria localizada entre 1895 e 1959, quando uma vasta produção de biografias e memórias produzidas em Cuba, especialmente nas comemorações do centenário, em 1953, tendeu a ressaltar o caráter ‘apostólico’ da trajetória de Martí. O traço dominante de sua *persona* era, então, identificado com a santidade. A indiferença pelas disputas políticas de interesse pessoal permitia comparações com a figura de Jesus Cristo, ainda mais acentuadas pelo fim trágico de sua *via crucis* em defesa da pátria ameaçada. Nesse contexto, nasceram duradouras imagens como a do ‘místico del deber’, do ‘inadaptado sublime’ e do ‘luchador sin odio’. Os estudos sobre o autor feitos até os anos 1950 teriam um teor fortemente hagiográfico. Seus traços de personalidade desprendidos sugeriam mesmo um perfil quixotesco¹.

As interpretações apostólicas e santificadoras tendiam também a ressaltar os aspectos mais moderados do programa político de Martí, hiperbolizando sua ‘neutralidade’ política e ignorando sua luta antiimperialista e militância revolucionária. Destacavam igualmente uma dimensão exclusivamente literária de sua produção, caracterizando-o mais como ‘apóstata’ poético do que como líder político. Essa abordagem marcou as edições de sua obra a partir dos anos 1920, tendo como consequência a fragmentação de seus textos, apresentados na forma de curtos aforismos retirados do contexto, uma forma mais adequada de expressão para um ‘homem de sabedoria’ do que a crônica ou o panfleto, formas nas quais seus textos foram realmente concebidos². Daí que seu pensamento passava a ter um perfil de reflexão geral sobre a vida entregue a um ideal e não uma reflexão historicamente contextualizada. Neste período teve origem uma certa tendência,

não de todo superada, para interpretar Martí como um autor 'utópico', pouco interessado em programas ou questões políticas específicas³.

Essa corrente de análise teria evidente interesse em minimizar os conflitos de Martí com a política norte-americana. Por isso, grande parte das antologias de seus textos, publicadas com mais frequência a partir dos anos 1920, pecava pela parcialidade na seleção de comentários positivos sobre a sociedade norte-americana (que de fato são abundantes em suas crônicas), excluindo as passagens mais críticas. O balanço final dessa abordagem é que a série de crônicas *Escenas Norte-americanas* era apresentada como um grande painel, animado e colorido, da emergência de um grande povo. Entre as evidentes deformações do pensamento de Martí, ainda nos anos 1950, estava sua freqüente caracterização como um defensor entusiasmado do projeto pan-americanista de James Blaine, baseado em seu profundo conhecimento das qualidades do povo norte-americano. No auge do regime de Fulgencio Batista, uma Cuba independente e com boas relações com os Estados Unidos era apresentada como resultado da obra martiana, tornando-o o herói nacional por excelência.

Ainda segundo Kirk, a Revolução Cubana de 1959 teria mudado completamente essa abordagem, exilando a visão 'apostólica' para a comunidade de intelectuais dissidentes do castrismo nos Estados Unidos. Ali, o culto sacralizador de Martí continuou, e continua, operando, transformando-o em um libertador do povo cubano, com total adesão aos princípios do liberalismo norte-americano, agora usado para atacar a dominação comunista. Na Cuba revolucionária, ao contrário, Martí passou a ser identificado com os valores antiimperialistas do regime de Fidel Castro, apresentado como inspirador da luta de libertação nacional e revolucionário que morreu por ideais que só agora estariam sendo realizados. A guinada na interpretação oficial de Martí teria tido como primeiro resultado uma intensa concentração na fase final de sua produção, entre 1889 e 1895, o período de engajamento mais intenso na luta revolucionária dos cubanos contra a dominação espanhola, onde se localizam seus comentários mais críticos sobre os Estados Unidos. No contexto da Guerra Fria, Martí se tornou decididamente anti-ianque. Conseqüentemente,

sua trajetória pessoal é retomada, dessa vez para descrevê-lo como um revolucionário convicto, inclusive com tentativas de encontrar conexões, provavelmente anacrônicas, de seu pensamento com o marxismo-leninismo. Sua figura é afastada daquela de líderes norte-americanos, com os quais era comparado anteriormente (Lincoln, Franklin Roosevelt), e inserida no rol dos lutadores pela causa ‘terceiro-mundista’, os quais, desde o século XIX, teriam lutado contra os interesses imperialistas (Petofi, Lênin, Ho Chi Minh). A luta martiana contra os espanhóis passou a ser interpretada como uma luta maior pela libertação de todos os ‘povos oprimidos’, tentando transportar seus comentários anticolonialistas para o mundo do pós-Segunda Guerra Mundial.

Propomos, diferentemente, que uma abordagem mais contextualizada das opiniões de Martí sobre os Estados Unidos nos cruciais anos entre 1889 e 1891 podem nos ajudar a evitar tais caracterizações limitadoras. De fato, nos últimos anos de sua estadia nos Estados Unidos, Martí deixava sinais cada vez mais freqüentes de que havia perdido a esperança de uma mobilização popular democrática pudesse conter a ascendente inclinação imperialista da opinião pública norte-americana. Havia depositado muitas expectativas nas campanhas reformistas de Henry George e do padre Edward MacGlynn, mas o movimento havia começado a dar sinais de desgaste, terminando com a ruptura entre ambos. Ao mesmo tempo, os movimentos trabalhistas norte-americanos que o haviam impressionado estavam sendo prejudicados pelas disputas entre líderes, que pretendiam abrir caminho para a presidência. No início dos anos 1890, os *Knights of Labor* já estavam em desintegração, causada pelas divergências em torno do uso de greves como meio de atuação Seu líder, Terence Powderly, defensor da linha cooperativa e legalista preferida por Martí, perdia prestígio a medida em que era pressionado por novos membros a tomar medidas de ação mais drásticas, incluindo manifestações de apoio aos autores do *Haymarket Riot* de Chicago, em 1886 (que havia causado horror em Martí devido ao uso de dinamite contra policiais pelos militantes)⁴. Martí discordava enfaticamente dessas manifestações: “Hay huelgas injustas. No basta ser infeliz para tener razón”⁵. A adoção de métodos violentos de militância entrava em choque com todas as suas expectativas de que um modo ‘americano’,

pacífico e legalista, de manifestação trabalhista pudesse garantir a preservação da república democrática: “esas violencias, son como salpicaduras de su fango ensangrentado que, con la rabia de los que mueren, echa sobre América triunfante, como una reina desdentada, la Europa iracunda”⁶.

O desânimo político se somava ao desconforto como sua posição de exilado. Há vários anos vinha demonstrando fadiga com as condições de trabalho no comércio e a ausência de um engajamento existencial mais significativo: “vivo solo (...) en una casa pacífica, donde tal vez halle reposo para contarle a la larga las cosas que me han ido sucediendo. – Tristes son, y de la mayor tristeza; pero en mí no caben, mientras me quede átomo de vida, flojedad ni abatimiento. Llevo al costado izquierdo una roda de fuego, que me quema, pero con ella vivo y trabajo, en espera de que alguna labor heroica, o por lo menos difícil, me redima”⁷. O anseio por algo que lhe trouxesse um engajamento existencial mais relevante foi ainda mais acentuado pelos temores trazidos pela intensificação das manifestações em favor de uma intervenção norte-americana em Cuba, ou mesmo da compra da ilha. Martí então amplia seu engajamento na organização dos cubanos exilados para preparar um novo movimento de independência, aumentando os apelos em favor de uma mobilização generalizada dos países ibero-americanos contra a política pan-americanista iniciada pelo Secretário de Estado James Blaine. Martí participou ativamente da primeira Conferência Internacional Americana, realizada em Washington, em 1889, a qual alimentara nele sérios temores de que uma intervenção maciça dos Estados Unidos nos assuntos caribenhos era iminente. Seu temor era que a luta de independência dos cubanos resultasse apenas numa transferência do controle da ilha para uma nova potência colonialista. Esta possibilidade vinha levando seu estado de abatimento ao máximo, embora mantivesse a firme decisão de evitar que os sentimentos pessoais resultassem em prostração:

(...) tengo el espíritu como mortal, por las serias noticias que ya salen a luz sobre el modo peligroso y altanero con que este país se propone tratar a los nuestros, - por los planes que veo que tienden, en lo privado y en lo público, para

adelantar injustamente su poder en los pueblos españoles de América, - y por la declaración, ya casi oficial, de que intentan proponer a España la compra de Cuba. Cuando no se muere de ciertos dolores, o de éste, la vida debe ser cosa de mucha fuerza. Ni sé yo, si sucediera, cómo podría quedar con vida. No hablo así por el arrebató de la sorpresa, porque esto lo he visto venir: sino por el pesar de verlo probable, y con menos obstáculos de lo que parece. De otras penas me ha levantado. Pero de ésta, no sé como. – Lo que sí le he de asegurar, porque en el mundo he aprendido al menos la justicia, y la belleza de la moderación, - es que ni abiertamente, ni con disimulos hábiles, dejaré que esta pena mía afee mis comentarios sobre los sucesos de esta tierra, que en lo que hace a nuestros países no presentaré de mi boca, ni para atizar odios, sino tales como ellos mismos se vayan presentando, y aun omitiendo muchos, porque habría razón para justa alarma si se dijese todos.⁸

Entre 1889 e 1891, trabalhou intensamente para arregimentar apoio entre a comunidade cubana nos Estados Unidos, realizando conferências e viagens para pregar o que chamava 'guerra necessária'. Martí havia demonstrado em várias oportunidades seu temor de que os projetos pan-americanistas propostos pelos Estados Unidos, especialmente um acordo de exclusividade comercial, seriam uma ameaça à autonomia econômica dos países latino-americanos: "Quien estudia la economía de las naciones (...) sabe que es mortal para un pueblo tener su tráfico ligado a un solo pueblo"⁹. Temia que este tipo de dependência ampliase ainda mais o sistema de monocultura para exportação, modelo então dominante nas economias latino-americanas, e que entrava em choque com sua expectativa de desmonte do poder oligárquico na América Espanhola: "Debiera ser capítulo de nuestro Evangelio agrícola la diversidad y abundancia de los cultivos menores"¹⁰.

Seus esforços para impedir a implantação de um sistema de dependência interamericana ainda mais opressivo do que o já existente tinha direta relação com as mudanças nas correntes de opinião pública dentro dos Estados Unidos. Como aponta David

Wrobel, os anos 1890 foram marcados, mais que qualquer outro período, por uma ‘ansiedade de fronteira’¹¹. Embora os historiadores norte-americanos tenham tendido a concentrar sua atenção na tese de Turner, vários outros indícios apontam que o mal-estar com a limitação, real ou não, da ‘terra livre’ no Oeste e com os conflitos sociais nas grandes cidades estava disseminando idéias sobre política externa que ameaçavam frontalmente a promessa de uma república antiimperial. Os escritos e discursos da época eram carregados de terminologia apocalíptica, anunciando a eminência da depressão ou da ruína final. Para os adeptos de uma necessária abertura do campo de atuação da economia norte-americana para o exterior, em busca da manutenção do espetacular crescimento das décadas anteriores, já estava na hora de superar as fábulas nostálgicas da ‘república dos fazendeiros’ e assumir a perspectiva hamiltoniana de que os Estados Unidos estavam destinados a se tornar um ‘império continental’ e, a seguir, mundial.

Os defensores da herança agrarianista jeffersoniana, ao contrário, defendiam que a solução deveria ser interna, com o combate à monopolização agrária, que começava a tomar conta do Oeste, e a abertura para novas oportunidades de aquisição da propriedade, que garantissem a manutenção do caráter independente dos norte-americanos. Ambas as correntes compartilhavam da oratória de ‘fim dos tempos’ e ‘juízo final’, da qual Martí também se utilizou. Após acalentar esperanças de que uma ‘solução interna’ bloqueasse os defensores da expansão interna, Martí começou a manifestar sinais de desilusão total. Durante anos havia acompanhado meticulosamente as flutuações da vida política norte-americana, nutrindo esperanças de que sucessivos movimentos de restauração democrática superassem o domínio das disputas partidárias. Suas simpatias haviam se concentrado durante algum tempo no Partido Republicano, fundado para levar a frente a causa abolicionista, a qual identificava como conclusão necessária do legado jeffersoniano. Seus fundadores “eran tan pobres y tan humildes como aquellos de la Galilea, y Evangelio que iban a sembrar con su palabra en el frío corazón de sus conciudadanos”¹². Fracassada a promessa republicana de reforma, a ascensão do democrata Garfield trouxe novas expectativas de um renascimento do “espírito de reforma, sano y súbito como viento de

tormenta, que en la historia de los Estados Unidos ocurre periódicamente en cada época crítica, como primavera de libertad, producto de ella, y válvula de la República”¹³. Nenhuma dessas esperanças teria se concretizado. Ao contrário, os próprios princípios da República estavam sob perigo, diante de uma crescente corrente política que defendia reformas constitucionais para fortalecer o poder executivo.

Um dos sinais mais ameaçadores estava na emergente campanha em favor do estabelecimento de um Exército permanente: “miedos de guerra, reales o fingidos; proyectos de obras de defensa, ejércitos y armadas, planes de milicia que ya llevan en la entraña el huevo venenoso del ejército permanente, como si la riqueza hubiera de corromper las Repúblicas, y por el exceso y abuso de ella vinieran éstas a parar en los mismos vicios y tiranías contra los que, con fuerza de Universo moral, se levantaron”¹⁴. Na tradição do pensamento republicano, especialmente na linha jeffersoniana, o ‘exército permanente’, junto com os interesses financeiros, eram as maiores ameaças centralistas contra uma república democrática, trazendo, o primeiro, o espectro das ‘guerras dinásticas’ que dilaceravam a Europa, e o segundo o medo da formação de uma casta aristocrática, sem vínculos com a nação. Ambos atuavam em conjunto contra os princípios republicanos, fornecendo instrumentos valiosos para tiranos demagogos ou para o poder abstrato de complexos militares-financeiros¹⁵.

Mas, mesmo nesse quadro, Martí mantinha sua propensão para a avaliação equilibrada dos acontecimentos, já demonstrando temor de que posturas perigosas para o movimento de libertação estivessem surgindo entre as próprias lideranças latino-americanas. Por isso, mesmo durante a campanha para alertar o público hispânico sobre o que estava acontecendo no Congresso pan-americano, não esquecia de combater as simplificações, para que não se confundisse a corrente imperialista, que chamava ‘ultra-aguilista’, com toda a sociedade norte-americana: “no se ha de afirmar por eso que no hay en ellos sobre estas cosas más opinión que la agresiva y temible, ni el caso concreto del congreso, en que entran agentes contradictorios, se ha de ver como encarnación y prueba de ella, sino como resultado de la acción conjunta de factores domésticos afines (...). Hay

que ver, pues, cómo nació el congreso, en qué manos ha caído, cuáles son sus relaciones ocasionales de actualidad con las condiciones del país, y qué puede venir a ser en virtud de ellas, y de los que influyen en el congreso y lo administran”¹⁶.

Nesse sentido, a percepção de Martí sobre a política externa norte-americana nos anos decisivos que anteciparam o reinício da luta de independência em Cuba estava marcada pela decepção com os rumos da política interna nos Estados Unidos, na qual havia depositado esperanças durante anos. Mesmo que a identificação de uma inclinação ‘natural’ ou estrutural da sociedade norte-americana, Martí procurava destacar para seus leitores latino-americanos o crescente enfraquecimento das idéias republicanas dentro do país, que tinha sentido como um modelo a ser seguido por movimentos reformistas da América Latina. Seu intenso estado de abatimento desses anos, e talvez sua decisão final de partir para o combate em seu país, foram produtos de sua desilusão com a ‘promessa americana’, a qual havia acalentado suas esperanças durante a década que ali permanecera. Acreditamos que é desse ponto de vista que podemos entender a complexidade de suas análises sobre a sociedade norte-americana, marcadas permanente pela oscilação entre suas promessas e declínios e não por aplausos ou recusas igualmente limitadas.

¹ KIRK, John. “From ‘inadaptado sublime’ to ‘líder revolucionario’: some further thoughts on the presentation of José Martí”. In: *Latin American Research Review*, vol 15, nº 3, 1980.

² ETTE, Ottmar. “En torno al carácter ‘intocable’ de José Martí”. In: *Cuadernos Americanos*, nº 52, jul./ago. 1995.

³ FORNE-BETANCOURT, Raúl. “La conquista: ¿una desdicha histórica? Una aproximación al problema desde José Martí”. In: *Cuadernos Americanos*, nº 32, mar./ago. 1992, pp. 187.

⁴ HAYS, Samuel P. *The response to industrialism, 1885-1914*. Chicago: The University of Chicago Press, 1964, cap. 2.

⁵ MARTÍ, José. *Obras Completas*. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1963-65, vol. 10, p. 396.

⁶ MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 10, p. 447-8.

⁷ Carta a Manuel Mercado, sem data, mas escrita provavelmente entre 1884 e 1886. MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 20, p. 80.

⁸ Carta a Manuel Mercado não datada, mas provavelmente de 1888. In: MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 20, p. 124-5.

⁹ MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 7, p. 343.

¹⁰ MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 7, p. 189.

¹¹ WROBEL, David. *The end of American exceptionalism. Frontier anxiety from the Old West to the New Deal*. Lawrence: University Press of Kansas, 1993, partes 1 e 2.

¹² MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 10, p. 94.

¹³ MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 11, p. 122-3.

¹⁴ MARTÍ, José. *Obras Completas, op. cit.*, vol. 11, p. 163.

¹⁵ POCOCK, J. A. *The Machiavellian moment. Florentine political thought and the Atlantic Republican tradition*. Princeton: Princeton University Press, 1975, cap. 15.

¹⁶ MARTÍ, José. *Dos congresos. Las razones ocultas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985, p. 36.